

## DESDOBRAMENTOS DAS SUGESTÕES DO MAGISTÉRIO PARA A FORMAÇÃO DOS CANDIDATOS AO SACERDÓCIO À LUZ DA *PASTORES DABO VOBIS*

Pe. Antonio Marcos Chagas  
Breno Oliveira Rabelo  
Bruno Oliveira Rabelo

### RESUMO

O presente artigo tem como finalidade apresentar a formação dos candidatos ao ministério sacerdotal, enfatizando as quatro dimensões da formação sacerdotal, a saber, a humano-afetiva, a espiritual, intelectual e a pastoral. Todas têm por meta o desenvolvimento integral da pessoa do sacerdote. Estas dimensões têm na encíclica *Pastores dabo Vobis*, da autoria do papa São João Paulo II, sua fonte e principal fundamentação.

**Palavras-Chave:** Formação. Sacerdote. Seminaristas.

### ABSTRACT

This article aims to present the formation of candidates for the priesthood, emphasizing the four dimensions of priestly formation, namely the human-emotional, spiritual, intellectual and pastoral. All have the goal the full development of the person of the priest. These dimensions have the encyclical *Pastores Dabo Vobis*, written by Pope Saint John Paul II, its source and main foundation.

**Keywords:** Formation. Priests. Seminarists.

## 1 INTRODUÇÃO

São João Paulo II (1920-2005), papa que exerceu o ministério petrino na Igreja de 1978 a 2005, foi o autor de uma exortação apostólica pós-sinodal sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais; esta publicação foi um marco de grande importância. A referida encíclica, denominada *Pastores dabo Vobis*, foi publicada aos 25 de março de 1992 e seu conteúdo aborda os elementos formativos à luz da caridade pastoral, centro propulsor da vida presbiteral. Além disso, esta foi dividida em áreas às quais são essenciais por disponibilizar alguns indicativos para compreender e operacionalizar o itinerário da formação presbiteral.

Chamado a agir em nome de Cristo "*In persona Christi*" no ministério sacerdotal, o candidato passará por um acompanhamento formativo envolvendo quatro dimensões, a saber, humana, espiritual, intelectual e pastoral. Nestas dimensões, a proposta da referida encíclica se volta para a formação de um presbítero enquanto homem maduro e íntegro, capaz de integrar também os valores espirituais cristãos e apostólicos que, iluminados por uma boa formação intelectual na linha da inteligência da fé, engendrará ministros de Deus, dotados de fecunda caridade pastoral.

Os elementos estudados serão os objetivos da encíclica, os protagonistas da formação sacerdotal e as dimensões da mesma. Em suma, trata-se de uma formação humana sólida, transfigurada pelas outras áreas formativas, a saber, a espiritual, iluminada pela intelectual, exercitada na dimensão pastoral e animada pela comunitária. Estes elementos ajudarão a fundamentar, construir e consolidar a vivência da identidade do bom pastor, do animador da comunidade cristã que lhe foi confiada. No percurso da formação os sacerdotes aprendem o legado de Cristo para cada sacerdote: "Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei" (Mt 28, 19). Os sacerdotes são ungidos para exercer com fidelidade e obediência a esse legado Cristo deixou; as dimensões vão oferecer ao candidato o amadurecimento no cumprir o que Jesus pediu aos apóstolos. Assim como estes exerceram seu mistério os candidatos ao sacerdócio também o deve, tendo guias que são as dimensões da formação sacerdotal.

## 2 OS PROTAGONISTAS NA FORMAÇÃO E A RELAÇÃO EDUCATIVA

O termo usado no documento para indicar os responsáveis principais da formação é protagonista, ou seja, agente ativo, ator de um processo. A formação sacerdotal é colocada em um cenário aberto, de rela-

ções variadas e inumeráveis em vez de uma instituição única e bilateral formador-candidato. Existem sujeitos visíveis como os professores de teologia (PDV 67)<sup>1</sup>, por exemplo, e invisíveis como o Espírito Santo (PDV 69). É curioso e inovador na exortação o fato de que

Deve, portanto, ser superada a visão da preparação ligada a um mestre particular ou reduzida como relação formativa à figura de um formador determinado e exclusivo. [...] É a natureza do sacerdócio que requer a formação na comunidade eclesial. Se aplica assim ao processo formativo o filão da Igreja-Comunhão que inspira este documento desde os inícios de suas expressões (VECCHI, 1993, p. 118).

O sujeito comunitário da formação é a Igreja que, por graça e responsabilidade, deve acompanhar aqueles que o Senhor chama a ser seus ministros (PDV 65). A Igreja, portanto "aparece com um papel principal e amplo. A esta o candidato deve aprender a referir-se, interna e externamente, no diálogo formativo com eventos, propostas e pessoas" (VECCHI, 1993, p. 120). O Bispo tem como tarefa "o reconhecimento da autoridade vocacional, escolha e preparação dos formadores, orientação do programa e animação do processo de formação, presença pessoal na casa de formação, conhecimento e relação com os candidatos individualmente" (VECCHI, 1993, p. 121).

Os educadores mais diretos e específicos são os sacerdotes que fazem parte da comunidade educativa do seminário e os professores de teologia. Os formadores devem possuir uma personalidade madura e forte, tanto do aspecto humano quanto evangélico. Para tanto a escolha cuidadosa dos formadores é estratégica para a eficácia formativa. Com efeito, depende da escolha e da formação dos formadores o futuro da preparação dos futuros sacerdotes, de modo que, uma preparação técnica a nível pedagógico, espiritual, humano e teológico deve caminhar em sincronia com o espírito de comunhão e de colaboração. Trata-se, portanto de um grupo de formadores, ao invés de um só formador. A exortação apresenta como elementos que os formadores devem constatar nos educandos os dotes humanos, espirituais e intelectuais. Os pontos fundamentais de referência são o espírito de oração, a assimilação profunda da doutrina da fé, a capacidade para a autêntica fraternidade e o carisma do celibato. Entre os formadores, a colaboração de leigos, homens e mulheres é considerada oportuna, tendo presente a escolha cuidadosa, conforme a própria competência e adaptada aos diversos contextos culturais (PDV 66). Os professores de teologia são educadores que possuem uma decisiva

<sup>1</sup> Daqui em diante, será utilizada a sigla PDV para referir-se à Encíclica de São João Paulo II, *Pastores dabo Vobis*.

responsabilidade presbiteral. Devem manter a comunhão e colaborar com os demais educadores. É tarefa deles, usar de generosidade tendo em vista a darem um contributo que seja original e qualificado. Trata-se de uma perspectiva de unificação, nos desígnios de Deus, os diversos conhecimentos humanos e as várias expressões de vida (PDV 67).

A influência que exercita sobre o candidato é notável da parte da comunidade de origem e das associações e movimentos juvenis. A família, a comunidade paroquial são os constitutivos essenciais da comunidade de origem. As associações e movimentos juvenis constituem um perene estímulo, ajuda e apoio na caminhada formativa. Não devem ser cortados os laços de união entre os candidatos e tais movimentos, nem se deverão destruir os traços característicos da espiritualidade aí aprendida. Pelo que tange aos movimentos eclesiais não se deve perder de vista o sentido do sacerdócio como um serviço a todos e não somente a grupos específicos (PDV 68).

Porém, o candidato é quem exerce um papel fundamental na própria formação como protagonista necessário e insubstituível de modo que se compreenda ser a formação, uma verdadeira autoformação. Como diz São João Paulo II:

Não se deve esquecer, finalmente, que o próprio candidato ao sacerdócio deve ser considerado protagonista necessário e insubstituível na sua formação: toda e qualquer formação, naturalmente incluindo a sacerdotal, é no fim de contas uma autoformação. Ninguém, de facto, nos pode substituir na liberdade responsável que temos como pessoas individuais. Certamente, também, o futuro sacerdote, e ele antes de mais ninguém, deve crescer na consciência de que o protagonista por antonomásia da sua formação é o Espírito Santo (PDV 69).

Esta formação deve acontecer num espaço específico, a saber, a casa de formação dos sacerdotes (o seminário) que:

Representa um espaço espiritual, um itinerário de vida, uma atmosfera que favorece e assegura um processo formativo, de modo que aquele que é chamado por Deus ao sacerdócio possa tornar-se, pelo Sacramento da Ordem, uma imagem viva de Cristo Cabeça e Pastor da Igreja (PDV 72).

O intercâmbio de talentos se apresenta de modo justo, sobretudo quando se cria um equilíbrio entre o que a pessoa é realmente (a sua real identidade) e as expectativas dos outros com relação a esta. É importante que o autoconhecimento possibilite condições concretas de reconhecer os próprios talentos, de usá-los de maneira adequada. A formação, além disso,

pode oferecer meios para uma corajosa e constante autossuperação, o que pode gerar grandes vantagens no uso e desenvolvimento das próprias capacidades. O mesmo se diga no que diz respeito às potencialidades latentes que podem emergir de maneira positiva.

“A educação, se é verdadeiramente relação que se atua pela educação do educando, adquire o seu vasto significado enquanto é realizada em perspectiva do estilo de diálogo que envolve reciprocamente os dois protagonistas” (FLORES D’ARCAIS, 1992, p. 391). A dialogicidade educativa significa entrar numa dinâmica de dar e de receber, de intercâmbio recíproco onde ambos, educando e educador, se educam (FLORES D’ARCAIS, 1992).

“A ação educativa é sempre relacional, de modo que a função educativa é função de uma relação entre pessoas, finalizadas a um objetivo comum” (NANNI, 1990, p. 160). A educação é relação comunicativa no âmbito do intercâmbio que não se reduz como significado à troca de palavras ou conteúdos verbais, mas comporta atitudes e comportamentos os quais, globalmente, pessoal-subjetivos com reações psicológicas e reinterpretações de si próprios, colocam em questão uma maneira de pensar. “Os parceiros da comunicação contribuem reciprocamente a construir a história pessoal e social, com diversas modalidades de incidência” (NANNI, 1990, p. 168). A educação que é “relação se torna, portanto, inter-relação” (NANNI, 1992, p. 160).

### 3 AS DIMENSÕES DA FORMAÇÃO SACERDOTAL

As dimensões, que tendem a ajudar, guiar e sustentar um processo de crescimento na resposta à vocação além de implicar a presença e a união constante do Espírito Santo comportam um trabalho sobre si mesmo e supõem algumas condições (GAMBINO, 1993). E com essa preocupação São João Paulo II, em sua exortação apostólica *Pastores Dabo Vobis*, apresenta quatro dimensões que vão auxiliar os candidatos ao sacerdócio a viverem uma continuação da própria vida de Cristo que é “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6), deixada por transmissão aos apóstolos. Trabalhando em cada candidato “as dimensões da formação humana, intelectual, espiritual e pastoral” (JOÃO PAULO II, 1992, N. 42), sendo que:

Essas dimensões da formação correspondem às exigências essenciais da identidade e missão dos presbíteros, ainda mais importante na atualidade, devendo ser definidas e integradas harmonicamente ao longo do processo formativo em um consistente projeto pessoal de vida (CNBB, 2010, n. 246)

Logo as quatro dimensões, cada uma, em sua especificidade, não podem ser consideradas independen-

tes umas das outras já que se interpenetram e se completam. Dentro do processo formativo, cada candidato vai buscar na sua vida, a parte destas dimensões, uma interação na sua personalidade rumo ao sacerdócio.

A exortação aborda tais temas numa divisão pedagogicamente clara, divisão que tentarei utilizar, de modo que seja útil para fazer a minha proposta educativa.

### 3.1 A DIMENSÃO HUMANA

Esta formação humana é de importância particular, uma vez que possui um influxo muito significativo para com os destinatários da futura missão do educando. Para tanto é mister haver um senso de unidade interior ou um fator que unifique sua interioridade. Já se pode intuir a necessidade de um centro unificador pessoal, ou um senso do eu bem sólido e positivo que lhe consinta acolher os estímulos e integrar em si a complexidade do real, situando-se nesta de modo criativo e adequado às situações e ao projeto de vida. (CENCINI, 1990).

O futuro sacerdote deve modelar sua personalidade de modo a torná-la ponte e não obstáculo para os outros no encontro com Jesus redentor. Para tanto seja capaz de conhecer a alma humana, intuir dificuldades e problemas, facilitar o diálogo, obter confiança e colaboração, exprimir juízos serenos e objetivos. Em vista do ministério, os futuros ministros devem cultivar aquelas qualidades necessárias à construção de personalidades equilibradas, fortes e livres, capazes de suportar o peso das responsabilidades pastorais. A capacidade de relacionamento com os outros deve suscitar relações fraternas e francas, torná-lo sempre pronto a compreender, perdoar e consolar. Para tanto, é fundamental que haja, por parte do futuro presbítero uma disposição para pôr-se em constante processo de conhecer-se na dinâmica responsável do desenvolvimento pessoal. Para atingir esta meta é importante que exista no formando uma gradativa consciência dos seus dons, carismas, talentos. Aqui, a criatividade na maneira de gerir estes talentos e de atualizar as forças vitais que lhe são próprias será de grande valor para o educando e as pessoas que com ele interagem (GUINDON, 1993).

A sensibilidade das pessoas com relação à comunidade, à disponibilidade ao diálogo é muito sentida, especialmente por aqueles que vivem em meio à solidão e à massificação despersonalizantes dos grandes centros urbanos (PDV 43). Entende-se, então, que, a qualidade das relações humanas requeridas pela caridade pastoral supõe e, conjuntamente, provoca certa maturidade de pessoa. Não se trata, no entanto, de contradizer a essência da caridade, mas servi-la através da educação. É um “processo educativo inspirado na caridade pastoral desde o início, em simultânea unidade e em mútua reciprocidade. Este aspecto pode e deve ser desenvolvido”

(GAMBINO, 1996, p. 170). Daí que o diálogo deve ser uma prática de formação humana bem exercitada na comunidade do seminário. Ocorre precisar o seguinte:

O formador conseguirá de realizar sua missão de pastor através de um diálogo frequente com os candidatos, para conhecer de modo direto valores, problemas e dificuldades de cada um e verificar o caminho, orientar as metas, adaptando a cada um a proposta educativa (GAMBINO, 1993, p. 333).

A confiança e a capacidade de empatia, que um formador pode e deve suscitar, fazem brotar um diálogo que muito mais que um confronto de ideias é chamado a ser uma acolhida de pessoas. O diálogo é um instrumento privilegiado para a formação humana. Ir ao encontro do formando na sua individualidade desprende energias novas e a comunicação abre horizontes inusitados de um recíproco conhecimento. O trabalho de animação, ao nível de grupo, é importante, mas não basta. O diálogo pessoal possibilita ao formador ajudar, oferecer elementos para uma autocrítica que nasce do confronto, o qual oferece espaço para um discernimento concreto e opções maduras.

É importante para um formador viver com os formandos, estar ao lado deles. O “pai espiritual” longe, separado dos formandos que espera a aproximação de quem dele precisa não tem sentido. O “estar junto” apresenta ocasiões impensáveis e particularmente inusitadas e surpreendentes para que o formador acompanhe o processo da auto revelação constante do formando que é um evento gradual, que se desdobra no tempo e nas diversas ocasiões e circunstâncias. Urge haver uma “visão de conjunto, de totalidade da pessoa em formação porque a realidade do sujeito emerge na sua globalidade e verdade objetiva” (CENCINI, 1994, p. 191). Enfim, é preciso dizer e insistir: a presença do formador é importante, mesmo que esteja “sem fazer nada”. A simples presença pode fazer a diferença! Além disso, objetivando amadurecer autênticas vocações, ocorre haver a presença a mais prolongada quanto possível dos formadores, a grande disponibilidade deles e o senso de uma ação aparentemente escondida, que em certos momentos, pode parecer inútil. Na verdade, este é um engano que nasce das aparências e da ilusão oriunda do imediatismo ou do afã de ver os resultados imediatos; efetivamente a formação é uma realidade que se desdobra dinâmica e gradualmente, é um processo que acontece em tempos prolongados, a longo prazo. Por isso, a paciência histórica de não ter a consolação de ver logo os frutos, acreditar na força própria da semente que se lança, provará que este esforço não é inútil. Precisaria, talvez, “redescobrir a estrada da fecundidade apostólica que não sempre e não necessariamente, goza de muita visibilidade” (GAMBINO, 1993, p. 331).

Os conteúdos desta maturidade humana são individualizados, conforme uma interessante síntese feita por um formador,

[no] conhecimento e aceitação dos próprios limites, como das próprias qualidades e na justa estima de si; na capacidade de tomar decisões para a vida, na coragem e na solidez do viver com coerência as consequências da própria escolha, na capacidade de iniciativa; além disso, na maturidade afetiva como capacidade seja de solidão, seja de relações sociais, e como disponibilidade a viver tais relações na linha do amor teocêntrico (CENCINI, 1994, p. 143).

A maturidade afetiva deve manifestar-se no amor que compromete a pessoa na sua totalidade. A pessoa se exprime na sua corporeidade, elemento de comunicação na comunhão. Nesse sentido uma sadia educação sexual, retamente entendida, ajuda na compreensão e na realização da verdade do amor humano. A esse respeito “a educação para o amor responsável e a maturidade afetiva da pessoa torna-se absolutamente necessárias para quem, como o presbítero, é chamado ao celibato” (PDV 44). Do mesmo modo, diz o papa:

[...] a liberdade requer que a pessoa seja verdadeiramente dona de si mesma, decidida a combater e a superar as diversas formas de egoísmo e de individualismo, que atacam a vida de cada um, na prontidão e abrir-se aos outros, generosa na dedicação ao serviço do próximo. Neste itinerário educativo (...), um auxílio pode vir da própria comunidade do Seminário (PDV 44).

Segundo alguns autores (FINKLER, 1984; MACARIO, 1993; GAMBINO, 1993), não negligenciável, aliás, fundamental e decisiva é a formação humana dos formadores. O educador possui uma primeira grande responsabilidade para estabelecer uma relação educativa: a sua maturidade. A maturidade consiste basicamente no equilíbrio do adulto tendo em vista o desenvolvimento das várias capacidades humanas e a perfeita integração da personalidade. A maturidade afetiva é um elemento basilar. Assim, ser apto para resolver certos problemas pessoais de natureza afetiva com alguma facilidade, pode ser um bom indicador. O formador se manifesta de modo eficaz, não somente pelo que diz, mas pelo que é, ou seja, suas atitudes manifestas revelam, por metacomunicação, valores ou contra valores que incidem no processo formativo. Sobre a formação dos formadores, muito acertadamente Vecchi assevera:

Diz respeito, portanto não somente à exemplaridade moral e espiritual dos formadores, mas a sua capacidade e vontade de incidir, de entrar em di-

álogo com os jovens, de interagir de forma evangelicamente autêntica, com os desafios que eles apresentam, sem fechamentos ou renúncias. Em suma, não formadores que “contemplem” impotentes como os jovens elaboram as próprias convicções e atitudes, que se mostrem como “exemplos” silenciosos e imparciais, mas educadores propositivos e convincentes (VECCHI, 1993, p. 123-124).

Evitar extremos, seja de rigidez ou exageradas manifestações afetivas, ajudará o educador a unir e fazer interagir uma grande abertura e bondade com um respeito que não se permite de apegar-se ou ligar-se com um dos educandos de modo excessivo ou exclusivo. O educador pode ser exigente, sem ser autoritário nem intransigente. A bondade não pode ser confundida com permissivismo nem com um irenismo anestésico e alienante, com tendências à fuga dos conflitos. De grande importância é equilibrar o humor evitando polaridades extremizadas, de modo a não projetar sobre os formandos problemas pessoais. O autocontrole, seguido de uma corajosa auto-purificação são importantes no caso de desordens que o formador consegue detectar no seu interior.

### 3.2 A DIMENSÃO ESPIRITUAL

A dimensão espiritual constitui o coração que unifica e vivifica o ser padre (PDV 45). A união íntima com o Senhor Jesus exige um exprimir-se na vida de cada dia, renovando-a totalmente. A experiência do mistério deve levar o futuro sacerdote a transmiti-lo no anúncio; e a dinâmica da busca provocará nos outros o desejo de procurar o Mestre (PDV 46). Para tanto, os meios são a leitura meditada e orante da Palavra de Deus, a oração e o ensinamento aos outros desta dimensão orante. Os Sacramentos e a educação litúrgica encontrarão o seu lugar de fundamental importância. A dimensão ascética ocupa, igualmente, um aspecto importante na identificação com Cristo crucificado, sempre na perspectiva da conversão. A formação ao dom generoso e gratuito de si mesmo é condição irrecusável para quem é chamado a ser epifania e transparência do Bom Pastor. A forma comunitária constitui um recurso válido e significativo a este respeito. A formação à caridade e ao celibato são dimensões igualmente significativas na formação espiritual (PDV 49-50).

O padre é chamado a desenvolver uma busca do mistério e para o mistério deve cultivar uma sensibilidade toda particular, através da vida espiritual. A formação ao senso do mistério constitui um elemento da formação espiritual que não se esgota ou se limita ao ambiente do ensino (parte expositiva) da espiritualidade. Consiste essencialmente em: “levar o seminarista a exprimir na própria vida, através de uma gradual configuração,

a consciência e o testemunho do mistério, tornando-lhe sinal e portador com uma forma cultural nova de autêntica santidade” (GAMBINO, 1993, p. 261).

Esta preparação deve partir sempre do pressuposto que o ministro da Palavra de Deus ajudará os outros, seja com palavras, seja *mistagologicamente* a perceber Deus no seu mistério. Com efeito, “o pregador não é aquele que dá alguns elementos doutrinários ou psicológicos, mas aquele que comunica e faz viver - por meio da palavra, do sacramento, da liturgia, da oração - a alegria do confiar-se ao mistério de Cristo crucificado e ressuscitado” (MARTINI, 1986, p. 40).

O custodiar o mistério de Cristo será um dom e um esforço nos eventos da salvação vividos na oração pessoal e comunitária. A história, pessoal e comunitária, passa a ser lida nos horizontes da fé que brota da intimidade com o Senhor na participação da sua Páscoa. Será uma exercitação concreta e existencial desta participação do mistério cultivar uma atitude constante de permanecer com o Senhor<sup>2</sup>. Para tanto, o mistério de Deus é uma realidade que se acolhe na totalidade das experiências vitais e não pode ser dicotomizado como se somente na oração ou na contemplação em senso comum fosse possível vivê-lo. O ponto de referência exemplar será Jesus que não encontra o Pai somente nos clássicos lugares da religião (oração, Escritura, templo, sinagoga, etc), mas possui uma visão contemplativa da realidade. O Pai é encontrado em cada experiência humana e perpassa todas as situações. Nas mais banais realidades quotidianas, Jesus discerne a presença do Reino e a atuação da Providência divina. A estatura do homem de fé se esboça nesta percepção do mistério de Deus e da sua ação na vida pessoal e na realidade do mundo e da história dos homens e mulheres. A vida é colhida no seu significado evangélico à luz deste Mistério que se revela na transparência do mundo e da história (BOFF, 1991). Por isso, se pode dizer que o mistério de Deus irá se esclarecendo ou obscurecendo a partir de dentro, de uma interioridade que ilumina a leitura dos fatos externos, as situações presentes experimentadas concretamente.

A missão nasce e acontece necessariamente no âmbito de uma espiritualidade. A contemplação e a união com Cristo, bom Pastor é o elemento base deste estado de missão que não se reduz à pastoral exercitada na sua dimensão prática e operativa, mas permeia toda a vida do ministro.

A espiritualidade da missão exige a superação de certas concepções distorcidas, que encaram o trabalho apostólico como um elemento de dispersão sob o risco do ativismo. Com efeito, uma autêntica espiritua-

lidade da missão vê na ação apostólica (não no ativismo frenético) a atuação decisiva do próprio Deus que age santificando, iluminando, promovendo e salvando por meio do seu apóstolo. Por isso é uma visão muito parcial compreender o trabalho pastoral somente como meio de santificação pessoal, o que seria um drástico reducionismo no pior estilo individualista!

A superação da dicotomia sagrado-profano, da contraposição Deus-humanidade, da separação entre serviço de Deus e serviço ao próximo é de grande importância na formação iluminada pela Caridade do Bom Pastor. O pastor é chamado a ser sinal de Deus no mundo sem fugir dele. Um pastor que vive longe do pasto onde estão as ovelhas não é um pastor! Neste sentido, o uso correto das coisas materiais, da própria liberdade e da própria capacidade de dar e receber amor visibiliza o testemunho de uma vida evangélica em estado de missão dentro do mundo para transfigurá-lo. Os conselhos evangélicos vividos pelo pastor constituem a transparência de uma caridade apostólica que brota de uma simpatia-empatia geradora de unidade, de abrir-se ao mundo do outro. A abertura ao significado do agir humano e da ação apostólica à luz do agir de Deus, na história humana e nos eventos do cotidiano, ajudará a colher o laço de união entre vida espiritual e práxis apostólica. As riquezas incomparáveis do dom de Deus que transbordam da vida interior do discípulo presbítero e se irradiam na vida do apóstolo presbítero constitui uma experiência do Infinito que toca e transfigura o finito da vida humana.

Sobre a experiência do Infinito compreendida em chave de missão tal experiência significa:

...disciplinar o desejo e a posse e transformar-lhe em dom desinteressado; significa promover a qualidade da vida, reconciliando a pessoa com o mundo, o cósmico e o humano (eco-espiritualidade); significa realizar a ordem da criação, acolhendo os dons e partilhando com os outros; significa compor, através do discernimento, obediência à norma e criatividade de vida; significa manter vivo o sentido dos próprios limites e pecados, junto à consciência da vitória da graça; significa assumir a própria responsabilidade no que diz respeito ao político, em vista da concreta realização do bem comum (MIDALI, 1994, p. 41).

Este pode ser um itinerário percorrível, muito positivo e desejável para uma espiritualidade apostólica, própria do discípulo-missionário presbítero.

### 3.3 A DIMENSÃO INTELECTUAL

A formação intelectual, especialmente na situação atual, constitui uma exigência irreprimível de um excelente nível de formação intelectual, a fim de promover

<sup>2</sup> O texto de Mc 3, 13 constitui um ícone para entender esta participação progressiva do Mistério de Deus revelado em Jesus: “E foram a ele”.

um anúncio de modo credível do Evangelho. Conforme Gambino (1993), tal formação objetiva fundamentalmente a preparação de ministros, para que, por meio de um método científico válido, possuam e enriqueçam um consolidado quadro de conhecimentos teológicos incorporados ao patrimônio intelectual pessoal. Este patrimônio intelectual não é uma realidade fechada em si, mas oferece ao futuro sacerdote os meios para exercer o seu “múnus” pastoral de modo que se identifique com o Bom Pastor que é também Mestre. De grande importância é a capacidade de unificar santidade e existência, teologia e vida interior, solidez e substancialidade de conhecimentos e sensibilidade pastoral.

O pluralismo, hoje muito presente, constitui também uma sólida motivação a uma formação intelectual séria (PDV 51). O estudo teológico deve ser uma reflexão madura sobre a fé da Igreja. A formação intelectual não deve constituir uma oposição à vida de oração, mas ambos se reforçam mutuamente de modo fecundo (PDV 53). O estudo das verdades reveladas por Deus e da experiência de fé da Igreja seja completa e unitária. A reflexão amadurecida da fé segue duas direções, a saber, do estudo da Palavra e a direção da pessoa humana interlocutora de Deus (PDV 54). A atenção ao ensino do Magistério e à capacidade de relacionar o rigor científico da teologia e seu objetivo pastoral será outro elemento importante.

A práxis histórica é submetida a uma reflexão crítica à luz da fé, e nesse sentido, a teologia assume a sua definição. A especificidade da ação eclesial na sua missão religiosa de transcendência não a impede, mas exige comprometer-se com a justiça humana como um momento constitutivo da evangelização, ainda que não se reduza a isso. O mistério de comunhão do Deus que é uno e trino, a revelação e a redenção acontecida em Jesus Cristo, o mistério da Igreja e as devidas repercussões litúrgicas, morais, evangelizadoras não podem cair nos reducionismos sociopolíticos. Deste modo, a reflexão teológica responde à sua vocação ao posicionar-se e colocar-se, situando-se no tempo e no espaço; ou seja, se impunha o desafio e a irrenunciável missão de encarnar-se historicamente, sem nunca perder a dimensão transcendente do conteúdo do Mistério revelado. É dentro da história, sacramento da revelação de Deus, que se jogam a gratuidade transcendente da intervenção libertadora de Deus e a liberdade da resposta humana por Deus mesma respeitada.

A inculturação deve ser considerada à luz do mistério da encarnação do Verbo e da antropologia cristã, de modo que o mandato de Cristo de pregar o Evangelho seja compreendido adequadamente. O respeito das culturas autóctones dos educandos exigirá uma sensibilidade e uma atenção particular sem desmerecer as exigências de uma educação sacerdotal que seja integral (PDV 55).

A abordagem dos conteúdos, basicamente, seguirá o que é próprio do currículo teológico. Porém, as exigências da dinâmica sociocultural abrem possibilidades novas para variegadas interpretações da realidade. Para tanto, as ciências humanas podem oferecer uma ferramenta interpretativa com o respaldo do rigor científico que lhes é próprio. As possibilidades da interdisciplinaridade de tais ciências com a teologia podem provocar avanços significativos.

A grande aquisição da formação intelectual (especialmente filosófica e teológica), sem menosprezar as demais áreas, ofereça ao futuro presbítero uma boa capacidade de leitura da realidade, sem superficialismos redutivos ou ingênuos. Além disso, importa haver uma boa capacidade de dialogar de forma produtiva, assertiva e esclarecida com as pessoas do nosso tempo, especialmente os que são formadores de opinião, intelectuais, comunicadores, dirigentes, etc. Manter-se atualizado com os acontecimentos, especialmente na política, na economia, na sociedade em geral dará um respaldo de análise, facilitará um eficiente potencial no sentido de situar-se e opinar de forma consciente e esclarecida. Que essa capacidade de conexão com a realidade jamais perca as conexões com o mistério de Deus revelado em Jesus Cristo e conforme crê a Igreja, guardiã do depósito da fé. Seja o pastor não somente um esclarecido e antenado, mas no mesmo passo, bem como no mesmo vigor, seja também um crente, um conhecedor e cultor apaixonado da sua fé e dos valores a ela inerentes.

### 3.4 A DIMENSÃO PASTORAL

A formação pastoral tem como objetivo a preparação para o ministério da Palavra, para o ministério do culto e da santificação, para o serviço que é próprio dos pastores. O método de formação pastoral é o da reflexão madura e da aplicação operativa (PDV 57). O estudo da teologia pastoral ou prática deve iluminar a aplicação operativa que se efetua na dedicação a alguns serviços pastorais da parte dos candidatos ao sacerdócio. Devem ser colocados em princípios de gradualidade e sempre de harmonia com os outros compromissos formativos. A fonte interior é a comunhão com a caridade pastoral de Jesus (PDV 57). Criar-se-á, deste modo, a sensibilidade do pastor, na assunção consciente e amadurecida de suas responsabilidades, ao hábito de avaliar os problemas e de estabelecer prioridades e meios de solução, baseando-se em claras motivações de fé. Entre os lugares privilegiados para a ação pastoral, a paróquia é um exemplo onde é possível exercitar o zelo da caridade traduzido em obras evangelizadora, pastorais e sociais, o viver como serviço a própria “autoridade” na comunidade, evitando atitudes de superioridade

ou de exercício de poder que não seja sempre e só justificado pela caridade pastoral (PDV 58). A ação pastoral é dirigida a uma Igreja que é mistério, comunhão e missão. A colaboração também comporta uma consciência e estima pelos diversos dons e carismas, das várias vocações e responsabilidades; tal exige um sentido vivo e preciso da própria identidade e da dos outros na Igreja (PDV 59). Neste sentido, é importante alertar os jovens candidatos ao sacerdócio a respeito de uma contradição na Igreja atualmente, a saber, a clericalização dos leigos e laicização dos clérigos.

A caridade pastoral encontra a sua identidade e essência naquele amor com que Cristo ama e dá a vida pelo seu rebanho. Seu ponto de referência está na unidade essencial e na correlação entre o amor de Deus e o amor do próximo; duas faces da mesma moeda. Daí que, toda saída para viver um encontro com os outros fomentará a justiça e a solidariedade. Numa palavra: “Deveremos também mostrar que justiça e solidariedade não são outra coisa que um reflexo do mistério de Cristo crucificado, do seu amor para o homem, da transcendência de Deus e da sua presença amável em todas as coisas” (MARTINI, 1991, p.46). Não se trata de uma ação revolucionária ideológica ou meramente à luz da construção de um projeto temporal desconectado de suas perspectivas sobrenaturais.

Conforme alguns autores (GAMBINO, 1994; FA-VALE, 1995; MIDALI, 1994), a figura de Jesus, bom Pastor, e seu amor de doação total constitui o ícone por excelência da espiritualidade apostólica do presbítero. O projeto formativo do futuro sacerdote encontra nesta figura o seu fundamento essencial daquele amor oblato, comunitário, servicial, próprio do pastor. Tal amor oblato abre possibilidades novas para uma harmonizada unidade entre a vida interior e a ação externa, de modo a ser o motor que faz funcionar toda a engrenagem apostólica na sua dimensão espiritual-contemplativa e espiritual-ativo-operativa. Portanto, o apóstolo é chamado a revestir de missionariedade toda a sua vida na variedade das opções, dos projetos, das iniciativas pastorais, da contemplação orante, dos sucessos e fracassos. O apóstolo é aquele que aprendeu a estar com Jesus no discipulado e que transmite esta experiência no apostolado. Não existe “boca de apóstolo” sem “ouvido do discípulo”! A graça de unidade, entre aspectos aparentemente contrapostos, encontra na caridade pastoral a síntese vital, a sua unidade fundante, a integração cabal. É absurdo compreender a vida espiritual ao lado da ação apostólica, ou seja, que exista um paralelismo ou mesmo uma contraposição entre espiritualidade e apostolicidade. Esta contraposição, levada aos extremos, é causa de fragmentação interior de modo a criar uma verdadeira esquizofrenia espiritual. A resposta a este problema é a graça da uni-

dade que é dom de Deus busca humana dosada de maturidade.

A sobrecarga de energia que a vida apostólica comporta exigirá a capacidade do dom de si sem reservas. Para tanto, o Bom Pastor, que deu a vida na cruz, orientará esta capacidade de doação: será o inspirador, o companheiro inseparável, o Mestre que ensina. O apóstolo aprenderá, a partir da formação inicial a contemplar o Coração traspassado na sua fecundidade redentora, feita de doação total. A experiência de fazer memória da vida de Jesus, no seu amor repleto de gratuidade e oblatividade, será um elemento essencial de um amor apostólico atraente e irradiante; trata-se, pois, de um ensino que proveio e continua a provir do único Mestre que é Jesus. A vida apostólica fará do ministro um alguém consciente de ser portador de uma mensagem que não é sua (ainda que como cristão-pastor lhe diga respeito irrenunciavelmente), o missionário não dá de si mesmo, mas oferece o próprio Deus. Esta mesma caridade é um sair de si e, necessariamente, leva a abrir-se ao próximo de modo a gerar um processo de evangelização, de amadurecimento humano e cristão.

O exercício da caridade pastoral pode experimentar dois tipos de perigos que são potenciais corrosivos das suas bases e da sua dinâmica:

O *escapismo* do mercenário: que consiste na fuga do mundo de modo a subestimar ou esvaziar o valor da relação homem-mundo. Trata-se de uma identidade alienada das exigências da promoção humana que possui o seu valor irrenunciável no âmbito da caridade pastoral. Com efeito, o mercenário foge quando vê o ladrão e abandona as ovelhas! (cf. Jo 10,12).

O *secularismo* (um pastor inexistente): significa restringir tudo a uma relação homem-mundo sem nenhuma ligação a Deus, uma visão meramente racional temporal, horizontalista, da ação pela ação, a promoção humana no estilo de filantropia, uma ação de anúncio que não é pastoral nem apostolado (falta a boca do apóstolo) porque inexistente o discipulado (falta o ouvido do discípulo que se constrói na vida interior profunda da contemplação). A caridade pastoral é ausente e nem mesmo encontra condição de surgir, porque falta o bom Pastor: quem não entra pela porta no aprisco das ovelhas é um ladrão! (Jo 10, 1). Nesta caridade pastoral, o futuro pastor, animando e animado pela missão de toda a comunidade eclesial (vocacionada por sua essência a ser comunidade missionária), é chamado a:

[...] tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. [...]. Com obras e gestos a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora

de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o “cheiro de ovelha” e estas escutam a sua voz. Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a “acompanhar”. Acompanhar a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a suportação apostólica (EG 24)<sup>3</sup>.

Os candidatos ao presbiterato devem ser formados e animados a cultivar atitudes oriundas de mentalidades novas, que, como ensina Papa Francisco, sejam dispostos a romper com uma visão de Igreja “enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG 49). Ao invés disso, tenham eles, com toda a Igreja, a coragem de sair, ir ao encontro para oferecer a vida de Jesus Cristo. Jamais lhes falte a coragem para viver a realidade exigente de assumir edificar “uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas” (Ibidem).

#### 4 CONCLUSÃO

No decorrer deste artigo, buscou-se traçar as etapas de formação sacerdotal em suas específicas dimensões: a humana, a espiritual, a intelectual e a pastoral. Cada uma destas está unida às outras para bem preparar o sacerdote; logo ele precisa se deixar trabalhar por cada uma delas, e por todas elas em interpenetração, assim como se esforçar para viver com liberdade responsável cada etapa de sua formação.

Urge se espelhar em Cristo, o Bom Pastor, para que, no transcorrer de seu ministério, o presbítero chegue a desenvolver bem a sua missão de propagador do Reino de Deus. Assim como Cristo é o Pastor que conduz as ovelhas, o sacerdote também, por meio da ordenação, é chamado a ser aquele que deve guiar o rebanho a ele confiado. Sendo que o sacerdote precisa, para chegar à ordenação, ter passado por esse processo de formação, na sua etapa inicial, o senso de liberdade responsável haverá de levá-lo a cultivá-la com esforço e interesse mais amadurecido, na etapa da formação permanente.

A riqueza da encíclica que fundamentou este artigo, a PDV e seus direcionamentos bastante lúcidos para a formação presbiteral, ofereceu à Igreja as coordenadas, os direcionamentos que abalizarão e nortearão procedimentos formativos, cada um no seu papel assumido de forma concreta.

Se há promessa de Deus ao profeta que ele suscitará sacerdotes, segundo o seu coração, leva-nos a compreender a vocação como um dom divino. Como a colaboração humana não será dispensada pelo autor da vocação, então os vocacionados (formadores e forman-

dos) não se furtarão de dar sua contribuição, necessária e querida, para que tão preciosa promessa divina se cumpra para o bem da Igreja e da humanidade.

#### BIBLIOGRAFIA

BOFF, L. **Nova evangelização**. Perspectiva dos oprimidos, 4. ed. Fortaleza: Vozes, 1991.

CENCINI, A. **Vita consacrata**. Itinerario lungo la via di Emmaus, Cinisello Balsamo (Milão): Edizioni San Paolo, 1994.

\_\_\_\_\_. **Nell'amore**. Libetà e maturità affettiva nel celibato consacrato, 2. ed. Bolonha: Edizioni Dehoniane, 1990.

CNBB, **Diretrizes para Formação dos Presbíteros na Igreja no Brasil**, Doc. 93. São Paulo: Paulinas, 2010.

FAVALE A., **La formazione iniziale dei candidati al presbiterato**. Roma: Rogate, 1995.

FINKLER P., **El formador y la formacion para la vida religiosa**, Madri: Paulinas, 1984.

FLORES D'ARCAIS G., **Educazione in ID**. (ed.), **Nuovo dizionario di pedagogia**, 3. ed. Paoline, Cinisello Balsamo (Milão), 1992, pp. 378-403.

FRANCISCO, PAPA, **Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium”**. São Paulo: Loyola-Paulus, 2013.

GAMBINO, V. **Dimensioni della formazione presbiterale**. Prospettive dopo il sinodo del'90 e la “Pastores dabo vobis”, Leumann (Turim): Elle di Ci, 1993.

\_\_\_\_\_. **La Carità Pastorale**. Prospettive per un cammino verso il ministero presbiterale, Roma: LAS, 1996.

GUINDON, J. **La formation humaine intégrale des candidats au presbytérat**, Montréal-Paris: Éditions Paulines & Médiaspaul, 1993.

JOÃO PAULO II, PAPA, **Exortação apostólica pós-sinodal “Pastores dabo vobis”**, Lisboa: Edições Paulistas, 1992.

MACARIO L. **Imparare a vivere da uomo adulto**. Note di Metodologia dell'educazione, 2. ed., Roma: LAS, 1993.

MARTINI, C. M. **Il predicatore allo specchio**. Meditazioni del Cardinale Carlo Maria Martini, Milão, Ancora, 1986.

MIDALI M. **Spiritualità apostolica**. Personali e vitali riferimenti fondanti, Roma: LAS, 1994.

NANNI C. **Educazione e pedagogia in una cultura che cambia**, Roma: LAS, 1992.

3 A sigla EG está a indicar a encíclica do papa Francisco *Evangelii Gaudium*.

NANNI C., **L'educazione tra crisi e ricerca di senso.**  
Un approccio filosofico, 2. ed. Roma: LAS, 1990.

VECCHI J. I "protagonisti" della formazione sacerdotale.  
**Salesianum**, Roma, v. 1, n. 1, p. 117-132, Jan./Mar.  
1993.

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Pe. Antonio Marcos Chagas**

Mestre em Ciências da Educação, Especialista em:  
Gestão Estratégica de IES, Ensino Religioso; Filosofia  
e Existência; Bacharel em Ciências da Educação e Teo-  
logia.

**Contato:** *fcrs0040@fcrs.edu.br*

### **Breno Oliveira Rabelo**

Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica Rainha  
do Sertão. Graduando em Teologia pela Faculdade Ca-  
tólica Rainha do Sertão.

**Contato:** *breno\_oliveira17@hotmail.com*

### **Bruno Oliveira Rabelo**

Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica Rainha  
do Sertão. Graduando em Teologia pela Faculdade Ca-  
tólica Rainha do Sertão.

**Contato:** *brunooliveirarabelo@hotmail.com*